

**LITERATURA E AUTOBIOGRAFIA: IMAGENS<sup>1</sup> DA MELANCOLIA NA OBRA  
*DIÁRIO ÍNTIMO DE LIMA BARRETO***

**LITERATURE AND AUTOBIOGRAPHY - IMAGES OF GLOOM IN WORK INTIMATE  
DIARY OF LIMA BARRETO**

**Cristiano Mello de Oliveira**

Doutorando em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

E-mail: literariocris@hotmail.com

**RESUMO**

A obra *Diário Íntimo* (1956), do escritor carioca Lima Barreto, estabelece uma rotina de seus percalços cronológicos entre os anos de 1900 e 1920. No presente trabalho buscamos, em linhas gerais, verificar a representação da melancolia e da tristeza em suas anotações. Diversas etapas da escritura do diário de Lima revelam um acentuado grau melancólico, fruto de várias crises emocionais familiares. Buscando sondar possíveis paralelos estabelecidos com o objeto selecionado, como lastro teórico, dialogamos com a leitura de: Moisés (1999); Blanchot (2010); Lejeune (2003); Ramos (1990). Conjeturamos que a discussão sobre a dualidade presente na referida obra pode contribuir para alavancar novas pesquisas, atrair novos apreciadores e conseqüentemente propiciar novos desvendamentos por parte dos interessados no assunto.

**Palavras-chave:** Diário. Melancolia. Literatura Brasileira. *Diário Íntimo*. Lima Barreto.

**ABSTRACT**

The work *Intimate Diary* (1956) by Rio de Janeiro's writer Lima Barreto establishes a whole routine of his chronological mishaps between the years 1900-1920. This article consists, in general, to verify the representation of melancholy and the status befitting his sadness in his notes. In various stages of the writing of his diary, Lima discusses a marked degree of melancholy, the result of several familiar emotional crises. As theoretical ballast the text intend to engage with reading: Moses (1999); Blanchot (2010); Lejeune (2003); Ramos (1990) seeking to probe the possible parallels set to the selected object. Under this view, we

conjectured that such a discussion can contribute and apply to leverage new researches and consequently new appreciators of that established duality, as well as a possible unveiling by the most interested persons on this matter.

**Key-words:** Diary. Melancholy. Brazilian Literature. *Intimate Diary*; Lima Barreto.

## 1 ALGUNS PRESSUPOSTOS

*Quando, pela primeira vez, me recolheram ao Hospício, de fato a minha crise era profunda e exigia o meu afastamento do meio que me era habitual, para varrer do meu espírito as alucinações que o álcool e outros fatores lhe tinham trazido.*

*Lima Barreto*

As supracitada epígrafe, retirada da obra *Cemitério dos Vivos*, mostra bem o contexto melancólico que Lima Barreto vivenciou durante sua longa e última internação no Hospital de Alienados, localizado no bairro da Urca do Rio de Janeiro.<sup>2</sup> Episódio no qual teve uma terrível experiência de vida. Os vocábulos utilizados pelo autor, de maneira mimética, demonstram muito bem sua capacidade de retratar fraqueza frente aos acontecimentos expostos. O escritor retratou suas crises de forma maléfica, demonstrando ter a noção de que essas prejudicavam sua carreira profissional. O diário escrito por Lima reflete suas aflições de maneira alusiva ao contexto vivenciado, resgatando um verdadeiro painel simbólico e concomitantemente realístico do período em questão. Devemos salientar que Lima registra em forma de diário toda uma gama de acontecimentos do seu próprio cotidiano, ou seja, são representadas através de detalhes densamente referenciais. Portanto, datas, dias, momentos decorridos no presente e no passado, o ir e vir da cidade para o subúrbio percorrem a proposta do autor.

O crítico literário Massaud Moisés, no seu *Dicionário de Termos Literários* (1999), define o gênero literário diário como um relato de acontecimentos que se desenvolvem no cotidiano de uma pessoa.<sup>3</sup> Moisés salienta que existem duas formas de escrita de um diário: uma seria aquela que registra os eventos por meio de um jornal impresso, a outra consiste em anotações registradas em páginas de categoria mais íntima que as pessoas registram os acontecimentos do seu dia-a-dia.<sup>4</sup> Outrossim, Moisés mantém uma ressalva para essas duas

categorias quando relata a importância da segunda enquanto gênero de natureza literária e subjetiva, porém, com suas arestas extremamente restritas. Essa reflexão por parte do crítico, embora se volte a interesses literários e sugira algumas inquietações, revela-se rasa e sumária para evidenciar as características que esse gênero tão híbrido ganhou nos últimos anos. É sobre essa segunda opção que iremos ensaiar algumas considerações na obra *Diário Íntimo* do escritor carioca Lima Barreto.

Num contexto menos contemporâneo, o filósofo Jean Jaques Rousseau, no clássico livro *Confissões*, perfaz toda sua vida através de alguns relatos intimistas, desenvolvidos na estrutura de livros que seguem cronologicamente as datas que perpassaram sua trajetória. Logo no *Livro Primeiro* (1712-1728), duas passagens reforçam as hipóteses de que Rousseau fantasiava seu diário para fugir da triste realidade vivenciada. O filósofo de Genebra relata sua paixão pelas leituras e pelo universo da ficção. “Nessa situação estranha, minha imaginação inquieta adquiriu um costume que me salvou de mim próprio e acalmou-me a sensibilidade nascente; foi nutrir-me das situações que me haviam interessado nas leituras [...]” (ROSSEAU, 2008, p. 59). Ora, como podemos observar o discurso em primeira pessoa de Rousseau contempla aquele pensamento voltado a compreender a criatividade humana. Em outro fragmento, iremos observar:

[...] segundo meu gosto, nas mais agradáveis posições, enfim, que a condição fictícia em que eu me travestira me fizesse esquecer a vida real que me descontentava tanto. Esse gosto pelas coisas imaginárias e essa facilidade de as imaginar acabaram de me desgostar de tudo que me cercava, e determinaram esse amor à solidão que me ficou desde esse tempo para sempre (ROSSEAU, 2008, p. 59).

Num panorama crítico filosófico, teremos a reflexão do francês Maurice Blanchot sobre a perspectiva do diário como recurso para a escrita de si mesmo. Trata-se de uma completa erudição acurada sobre o assunto. Nessa manobra, o filósofo esmiúça a verdadeira necessidade daquele escritor que precisa desabafar ou mesmo expor suas angústias através da linguagem. E, ao que tudo indica, isso se entrelaça com a discussão aqui empreendida. Resumidamente, Blanchot discorre sobre algumas questões que abrangem a natureza íntima da confecção de um diário, contemplando relatos reflexivos e subjetividades pouco exploradas pela crítica literária. “O diário não é essencialmente confissão, relato na primeira pessoa. É um memorial.” (BLANCHOT, 2010, p. 20). Ora, o fragmento de Blanchot ilumina aquilo que Lima propõe nas anotações contidas no seu *Diário Íntimo*. O crítico termina sua reflexão da seguinte forma: “o diário representa a sequência dos pontos de referência que um escritor estabelece e fixa para reconhecer-se, quando presente a metamorfose perigosa a que

está exposto.” (BLANCHOT, 2010, p. 20). Portanto, ao ver de Blanchot, o diário estaria no limiar das fronteiras humanas, conjugando olhares diluídos e ao mesmo tempo enigmáticos, de natureza pouco explorada.

Reticências à parte, se fossemos aqui levantar brevemente o significado da palavra diário, poderíamos remontar através de sua carga semântica uma gama de significados que provém da mesma origem embrionária de algo cronológico ou linear.<sup>5</sup> Segundo o dicionário Aurélio, a palavra diário possui conotações que condizem com o próprio nome ofertado, ou seja, algo que se sucede ou que se faz diariamente. Outrossim, obra que se registram os fatos decorridos do cotidiano. Já a palavra íntimo estaria ligada, segundo o dicionário, àquilo que subjaz a algo relacionado ao interior ou algo estreitamente ligado por confiança e afeição. O significado isolado ou despido das palavras diário e/ou íntimo apenas parafraseia outras conotações não tão importantes ao contexto aqui analisado. Se fossemos, no entanto, esmiuçar o título na íntegra, teríamos algo relacionado ao registro discreto e afetuoso por parte de Lima. Por outro lado, examinando de maneira metonímica, teríamos aquele diário que resguarda a variada triste realidade vivenciada, tendo em vista a forte vontade do escritor carioca de enfatizar as injustiças sofridas naquele período pós-escravidão, tão emblemático na sua rotina de escritor mulato, afastado das elites culturais. Em suma, sabendo ou não, Lima conjugou uma série de anotações que evidenciam o seu ofício de escritor a margem de uma sociedade elitizada.

É difícil escapar à tentação de esmiuçar os escritos contidos no *Diário Íntimo* de Lima Barreto, cujo autor, possuidor de uma imbatível retórica militante e de um estilo de caráter um tanto social, mesmo no desempenho frenético de ser cronista de jornal de época, sabia fisgar novos leitores e compor sua ficção em plena República Velha. Podemos crer que, quando o assunto é levantar alusões a obras lidas e consultadas, Lima atinge um grau bastante satisfatório, tendo em vista as variadas fontes que embeveceram seu discurso romanesco. Focalizando o meio familiar do escritor carioca, tem-se, pelas confissões e depoimentos remanescentes da época, os quais ficaram comprovados através de suas cartas, a ambiência de compreensão até mesmo por parte de seu pai, de encarar a abolição da escravatura em plena Quinta da Boa Vista.<sup>6</sup> Outrossim, o escritor carioca era frequentador assíduo da Biblioteca Nacional e um contumaz leitor dos compêndios universais de Filosofia, História Universal e Literatura. Não foi à toa, que o seu último e póstumo livro *Diário no Hospício* recebe fortes influências e estabelece correlações com a obra *Recordações da Casa dos Mortos* (2008), do

escritor russo *Fiodor Dostoievski*.<sup>7</sup> Lima foi uma espécie de intelectual autodidata e canalizador de muitos projetos culturais (linguagem suburbana, estilo caricato e cômico, entre outros) que anteciparam muito daquilo que outros escritores confeccionaram posteriormente em seus romances.

Romancista-jornalista, escritor de várias cartas, escritor de crônicas literárias, intelectual voltado a apresentar as incongruências da nação, Lima Barreto é considerado o mestre da representação literária brasileira. Seu papel na sociedade de época pode acrescentar vários desdobramentos para compreensão da História do Brasil, pois episódios como a Abolição da Escravatura, a transição do Império para a República, a Revolta da Vacina, entre outros acontecimentos consubstanciaram-se em pano de fundo para seus livros. Os fatos históricos interpretados por Lima Barreto ganham o verdadeiro tônus da vivacidade que muitos jornais não conseguiam realizar naquele período.<sup>8</sup> Figura irreverente e polêmica do primeiro quartel dos novecentos, remando contra as principais injustiças que o cercaram durante o seu projeto literário: racismo, privilégio aos doutores, moradores de subúrbio, a não aceitação nos círculos literários, enfim uma série de prerrogativas que o afastaram do seu notório reconhecimento em época. “Para a massa total dos brasileiros, o doutor é mais inteligente do que outro qualquer, e só ele é inteligente; é sábio [...]”, ressalta Barreto (2010, p. 30). É óbvio que não iremos navegar em todas as dimensões biográficas de Lima Barreto, pois isso já foi realizado por muitos pesquisadores, como seu fiel estudioso Francisco de Assis Barbosa.

Diante de tal perspectiva, possivelmente podemos orquestrar a seguinte problemática: como o escritor Lima Barreto desabafa sua melancolia nos seus registros escritos? De que forma esses registros referenciais podem aludir ao contexto e as correlações inspirativas de suas produções ficcionais? Por que Lima Barreto resolveu potencializar seus testemunhos de infortúnios que perpassaram sua vida? Quais seriam os teóricos que mais perfazem o jogo dialético das considerações estabelecidas do termo diário? Quais seriam os estudiosos que também abordam a melancolia como forma de registro? Será que as reflexões dos teóricos apontados sugerem novas formas de enquadrar o projeto de diário de Lima Barreto? Acreditamos que, ao argumentarmos e questionarmos através desse breve elenco de questões, seremos capazes de provocar outros estudos e investigações possíveis, assim como compreender analiticamente todo o contexto problemático inserido através dos seus testemunhos na obra *Diário Íntimo* de Lima Barreto. Movimento que rastreamos a seguir.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Em linhas gerais, a obra *Diário Íntimo* retrata expedientes do autor de *Policarpo Quaresma* transcorridos entre os anos de 1900 e 1921. O texto foi escrito sem uma ordem definida, estabelecida<sup>9</sup> no interstício temporal de 21 anos, cujo registros resguardam as memórias de sua vida e de seu ofício de escritor. A estrutura, pouco regular, quase fragmentária, ostenta a quantidade de aproximadamente trezentas páginas. O vocabulário solto e espontâneo nos faz lembrar o conceito de “liberdade da escritura”, assim denominado por Roland Barthes na obra *Grau zero da escrita* (2008). O período densamente produtivo, em questão, resgata vários acontecimentos de cunhagem histórica<sup>10</sup> (Reforma Pereira Passos<sup>11</sup>, Revolta da Vacina, Primeira Guerra Mundial, Revolução Russa, Semana da Arte Moderna) e sociológica que merecem ser investigados para fins de reconhecimento da própria vida de Lima no espaço geográfico da cidade do Rio de Janeiro. Notamos, neste objeto, algo que necessita ser explorado já que a fortuna crítica do autor pouco aborda como se opera a representação do estado de melancolia de Lima frente aos obstáculos do seu árduo cotidiano.<sup>12</sup> Com efeito, pensar como se sustentam tais representações, utilizando como opção e chave de leitura o estado psíquico de Lima Barreto - sensação de incapacidade, perda de interesse pela vida, depressão em grau variável, tendência ao suicídio<sup>13</sup> - serão maneiras de identificarmos nossa problemática<sup>14</sup> frente a tal questão.

Indubitavelmente, a obra *Diário Íntimo* alimenta matizes de variadas experiências de Lima Barreto com os intelectuais de época, sobretudo, com aquilo que o escritor sentiu a verdadeira necessidade de registrar. Provavelmente, o escritor carioca objetivava deixar um breve legado dos principais acontecimentos que cercaram sua breve vida. Como lembra a pesquisadora Beatriz Sarlo, no acurado ensaio *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (2007), “a narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado.” (SARLO, 2007, p. 24). Meticulosa nos depoimentos e testemunhos surgidos nos anos de trâmite democrático político, tanto na Argentina como em outros países latino-americanos, a estudiosa mantém o rigor intelectual durante boa parte do seu ensaio. Esta breve e instigante citação sobre a “narração da experiência” nos fornece a pista necessária para um profundo e fecundo conhecimento daquilo que Lima registrou em seu diário. Seu estudo oferta várias pistas para compreender tal temática, apesar do contexto examinado por Sarlo ser aquele que subjaz ao período da experiência vivenciada por Walter Benjamin, o conteúdo, no entanto, torna-se extremamente sugestivo para nosso debate. Com efeito, Lima reconstrói sua memória tentando lembrar esses episódios regados com a presença de alguns intelectuais de época.

Instigante e perturbador notar que a leitura dos registros do *Diário Íntimo* implica a aceitação, por parte do leitor, daquele período um tanto conturbado da vida do romancista carioca. Diga-se de passagem, Lima conjuga tal perspectiva buscando, a todo o momento, lamentar suas angústias diante de tanta complexidade. Não se propõe a apresentar aos futuros leitores uma forma idealizada de sua vida, mas relatar realisticamente os infortúnios que cercaram seu cotidiano de escritor confinado na “periferia do capitalismo”, tomando a clássica expressão do crítico Roberto Schwarz<sup>15</sup>. Se, por um lado, o texto de Lima revela seu lado melancólico e tristonho, por outro, demonstra suas facetas sociais e solidárias para com o próximo. Como salienta Maurice Blanchot “O *Diário* – esse livro na aparência inteiramente solitário – é escrito com frequência por medo e angústia da solidão que atinge o escritor por intermédio da obra.” (BLANCHOT, 2010, p. 20, grifo nosso). Essa reflexão de Blanchot sobre o efeito da escrita no *Diário Íntimo* alude aquilo que Lima tenta realizar nos intervalos de sua solidão, portanto, ao tecer os diários nostálgicos de sua vida pacata, Lima Barreto tenta criar uma ponte entre seu estado factual e suas angustias na condição de escritor melancólico e densamente preocupado em registrar injustiças sofridas.

Há, na obra *Diário Íntimo*, uma espécie de ruptura necessária com o marco devidamente documental e cronológico que rege a vida de Lima Barreto. Em outras palavras, escolhas vocabulares se mutuam para registrar as principais subjetividades perpassadas pelo estado melancólico do escritor carioca. Tristeza, infelicidade, agonia, desespero são os vocábulos que mais aludem a perspectiva semântica da melancolia nas anotações de Lima Barreto. Comenta Gilberto Freyre logo no prefácio do livro: “Por todo o *Diário Íntimo* de um Lima Barreto reponta com frequência a insatisfação de saber-se esse homem de sensibilidade quase de moça, descendente de escravo e de negro africano, sem que essa insatisfação fosse nele compensada [...]”<sup>16</sup> Isto é, Lima moldava um verdadeiro painel das suas amarguras durante esse período em relação aos seus registros naquilo que perfaz o seu ofício de escritor e as precárias circunstâncias que abrangia sua fórmula nem sempre otimista com a própria vida. A representação destes acontecimentos, demarcados de forma cotidiana, registrados através de datas e dias, cercam os distintos expedientes que modificaram o pensamento de Lima foram gradativamente afetando sua própria relação com a sociedade. Portanto, uma excelente sugestão seria o leitor conduzir um olhar nas páginas desse diário já com uma prévia leitura de seus romances e suas cartas, juntamente com o conhecimento da própria vida do autor.

É oportuno lembrar que o primeiro teórico a realizar estudos sobre o gênero do diário escrito, como categoria da literatura, foi o francês Phillipe Lejeune na década de 1970. Em seu livro *Pacto Autobiográfico: de Rousseau à internet* (2008), que versa sobre as distintas etapas que perfazem tal gênero. Basicamente, Lejeune estabelece e examina as principais modalidades, buscando evidenciar suas finalidades e proporções no ambiente acadêmico e na sua conseqüente prática. Os subtítulos, inclusos nos capítulos, extremamente sugestivos - *O diário e o tempo; O diário e a pessoa; Conservar a memória; Sobreviver; Desabafar; Conhecer-se; Deliberar; Resistir; Pensar; Escrever; Será bom ou ruim* - fornecem ampla reserva temática investigativa: todos mantêm alguns desdobramentos das reflexões sobre essa perspectiva.<sup>17</sup> Em cada um desses subtítulos, Lejeune explora rastros que cada diário mantêm na sua condição de registro ou simplesmente etapa que esboça a vida de determinada pessoa. É importante citarmos este fragmento que descortina o preâmbulo do ensaio: “mantemos um diário para fixar o tempo passado, que se esvanece atrás de nós, mas também por apreensão diante de nosso esvanecimento futuro.” (LEJEUNE, 2008, p. 262). Ora, como evidencia o excerto, verificamos uma dose de preocupação de Lejeune em estabelecer os tempos cronológicos do passado e do futuro como matéria-prima da natureza memorialística do diário.

A pesquisadora Tânia Regina Ramos, na tese de doutorado *Memórias uma oportunidade poética* (1990),<sup>18</sup> busca abordar as principais singularidades das histórias de vida, envergando para perquirir sobre algumas memórias selecionadas de alguns escritores. A pesquisa de Tânia faz uso de uma gama extraordinária de estudiosos. A autora esmiúça e reitera alguns teóricos importantes sobre tal assunto, passando por Bergson, Philippe Lejeune, Ecléa Bosi, Walter Benjamin, entre outros importantes autores para compreensão do tema. Acentuando os entraves criados por alguns teóricos, problematizando algumas leituras, ela delinea reflexões expressivas como, por exemplo, a questão da memória, mote específico da investigação e envergamento epistemológico de sua tese. Outrossim, escolhe como objeto de análise a personalidade de quatro escritores para seguir sua linha de raciocínio. São eles respectivamente: José Lins do Rego, Oswald de Andrade, Érico Veríssimo e Pedro Nava. Uma reflexão contida nesse estudo de Tânia Ramos se faz importante e pertinente a este artigo: “o escritor, enquanto sujeito da história cultural, antecede a autoria de seus textos de memórias. A sua função social, o seu papel intelectual, evita o mal contemporâneo de ‘deixar um livro’ como forma de perenidade, escrever um livro para registrar as suas qualidades e as razões de ‘sua fama’.” (RAMOS, 1990, p. 42).



Recuperando as palavras do estudo de Tânia Ramos, podemos observar que o texto memorialístico enseja uma quantidade de abstrações e sentimentos que circunstanciam a rotina de cada escritor. Desdobramento possível, mas não categórico. Posicionamento este que é corroborado pelo fato de que cabe ao escritor projetar a sua vida como dimensão do seu sabor literário. O projeto literário desse também pode ser investigado a partir da escrita de um diário, como é o caso de Lima Barreto. Diversos trechos das cadernetas escritas por Lima, as quais compõem seu *Diário Íntimo*, evidenciam rastros de sua completa criação ficcional. Ou seja, é possível extrair do seu discurso em primeira pessoa, diversos encaminhamentos que sugerem ou entrelaçam sua atitude criativa. Não é por menos que, quando anota as injustiças sofridas por causa da sua cor de pele, Lima evidencia uma preocupação em envergar isso para um futuro romance, como foi o caso do póstumo *Clara dos Anjos* (1969). Por esse viés, o estudo da pesquisadora Tânia Ramos torna-se chave importante para um maior aprofundamento que ora aqui fazemos sobre Lima Barreto. Cruzando algumas considerações estabelecidas pela tese de Tânia, a leitura do texto de Lima fica mais instigante e curiosa.

Digressão a parte, a prosa memorialística empreendida no *Diário Íntimo* de Lima Barreto captura várias ações e acontecimentos que ocorreram naquele momento, ou seja, que marcaram o passado remoto ou não, ou mesmo algo vivenciado diretamente pelo escritor. Novamente temos que lembrar o estudo realizado por Tânia Ramos sobre os efeitos do presente como categoria de temporalização. Nas palavras da autora: “[...] os verbos rememorativos garantem o presente narrativo, estruturador e selecionador de lembranças.”<sup>19</sup> Ora, para citar alguns fragmentos que representam de forma melancólica a questão desses verbos que direcionam um olhar mais característico para aquilo que a estudiosa aponta, reproduzimos brevemente algumas partes significativas de Barreto (1969, p.171): “Não **tenho** editor, não tenho jornais, não tenho nada.”, perfazendo a dificuldade de angariar editores interessados na publicação de seus escritos; “voltam eles e também um tédio da minha vida doméstica, do meu viver cotidiano e **bebo**”, resumindo o cotidiano pacato e angustiante; “que círculo vicioso! **despeço-me** de um por um dos meus sonhos”, ressalta o cruel resultado de suas agonias e tristes vivências. Estratégias de representação excessiva da melancolia ou não, o certo é que são frases com elevado grau de sinceridade, de ensejo ao caráter de Lima frente as dificuldades enfrentadas durante sua vida. Em suma, figuram nos fragmentos mencionados uma espécie de comunhão com o sofrimento alheio e que busca sentido através de um jogo retórico, uma forma de comoção por parte das autoridades e sociedade de época.

### 1.3 MELANCOLIA OU ANGÚSTIA NOS FRAGMENTOS DO *DIÁRIO ÍNTIMO*, DE LIMA BARRETO?

Postulamos que os registros memorialísticos contidos na obra *Diário Íntimo* podem ser lidos como um grande ensaio sobre a problemática melancólica e depressiva, especificamente pelas dificuldades emocionais enfrentadas pelo escritor Lima Barreto, e documentam, ao olhar *in loco* do escritor carioca, os distintos acontecimentos que ele vivenciou na cidade do Rio de Janeiro. Não obstante, tais temáticas clarificam-se à medida que avançamos em nossa leitura, bem como as devidas interpretações em busca de nosso propósito. No decorrer desses fragmentos recheados de episódios que remontam a sua ineficiência em operar suas ambições literárias numa sociedade tão injusta, Lima criou, como já dissemos, um grande repertório de suas principais dificuldades. Não devemos nos furtar ao fato de que é quase impossível compreender, assimilar e interpretar fragmentos contidos no *Diário Íntimo*, mesmo em parte, se não pudermos observar, na totalidade, as circunstâncias históricas a que eles estiveram submetidos.<sup>20</sup>

Na citação adiante, registrada no dia 27 de dezembro de 1904, notamos que a visão de Lima é crítica e, ao mesmo tempo, de insatisfação para com o modelo de sociedade vigente. As sentenças são descritas por um olhar preocupado e pacato com os afazeres do próprio cotidiano. Vejamos os detalhes: “O dia continuou morno, sem atrativo nem novidade. A secretaria, em geral tão pitoresca para despertar reflexões, esteve de uma pobreza franciscana. O ministro esteve ausente.” (BARRETO, 1956, p. 52). Como podemos verificar no fragmento extraído, Lima observa a pacata vida que cerca seus afazeres do inerte expediente na seção do antigo Ministério da Guerra enquanto trabalhou como amanuense de guerra. A subjetividade do relato na primeira pessoa revela a capacidade de Lima em exteriorizar os sentimentos que rondavam suas ideias no início do século, buscando concatenar as principais circunstâncias que o levaram para aquela triste e cruel situação. Ao utilizar os vocábulos “morno” e “pobreza” nas duas respectivas orações, o escritor carioca registra e provoca uma série de alusões que perfazem o jogo especulativo da caustica rotina que circunstanciava sua vida. Não obstante, a tristeza de suas anotações estampa na paisagem bucólica uma espécie de angústia quase que permanente de suas aflições melancólicas. Em outras palavras, sua reflexão na passagem acima se orienta a deslindar suas mágoas frequentes frente à problemática existencial da insatisfação de trabalhar no próprio emprego. Não é gratuito quando, também aponta sequencialmente, na posterior citação, o grau de insatisfação e incertezas que rege todo esse desencadear frustrante, que contribui para uma profunda decepção e crises emocionais.

No episódio que segue, registrado no dia 01 de janeiro de 1905, teremos Lima esclarecendo o triste cotidiano marcado pela falta de opções: “como a casa me aborresse, não unicamente pela tristonha moléstia de meu pai, mas por ela em si, com quem nunca me acomodei, resolvi dar uma volta. Demorando-se o trem na estação de Todos os Santos, fui tomá-lo na de Engenho de Dentro. O trem, banal como sempre; idiota e mascavado. (BARRETO, 1956, p. 71). Salta à vista do leitor o léxico utilizado por Lima, salpicado de expressões e vocábulos que se amarram pela tristeza. Neste excerto é possível rastreamos o ambiente íntimo da casa de Lima Barreto, que funciona como um espaço exato de suas frustrações. O vocabulário utilizado pelo autor leva-nos a refletir sobre o movimento demasiadamente reflexivo em relação ao clima depressivo enfrentado pelo escritor no seu ambiente doméstico. Algumas inferências extratextuais conjugam aquele olhar suscitado pela vida rude que Lima leva no seu cotidiano. O microespaço da casa é guarnecido da tristeza familiar que pouco ilumina o semblante do autor e, ao mesmo tempo, corrobora para seu desencantamento frente à realidade externa. O modesto trem que sai do subúrbio também não contribui para que surjam inovações no seu pensamento. Ao que tudo indica, o ambiente do lar entristecido remonta algo pouco criativo e, do mesmo modo, algo que precisa de um olhar mais otimista ou mesmo desafiador.

Um relato ainda mais pertinente ao assunto aqui discutido foi registrado no dia 03 de janeiro do ano de 1905. Vejamos os detalhes: “a minha melancolia, a mobilidade do meu espírito, o cepticismo que me corrói – cepticismo que, atingindo as cousas e pessoas estranhas a mim, alcançam também a minha própria entidade -, nasceu da minha vergonha doméstica, que também deu nascimento a minha única grande falta.” (BARRETO, 1956, p. 77). Nesse passo, essa reiteração turva e confusa da fala por parte de Lima Barreto, enquanto narrador das suas experiências, se por um lado esclarece os principais sentimentos nostálgicos e melancólicos que restavam no próprio semblante, reintroduz, por outro, o caráter duvidoso e desacreditado do excesso implicado das mazelas do próprio cotidiano hostil e desafiador. Como podemos perceber, Lima quebra com a linearidade do relato do diarista de seus registros do cotidiano para abordar tal aspecto. Percebemos que o vocábulo “cepticismo” possui uma carga semântica que desmantela o seu sofrimento e conseqüentemente irradia suas principais angústias. Não obstante, a vergonha de recuperar aquilo que deixou para trás também corrobora com seu completo afastamento dos meios sociais, alimentando um testemunho de revolta e decepção. Ao que tudo indica, o excerto acima evidencia o total

desamparado com as incertezas da vida, algo que ao mesmo tempo deseja remontar uma mudança de atitude frente ao universo pacato de sua triste rotina. O vocábulo “cepticismo”, ganha uma dimensão acinzentada e turva da realidade que perpassava seus olhos, desdobrando-se em inclinações que poderiam sugerir a conotação do próprio suicídio. Possivelmente, as angústias registradas na pena de Lima acabam preconizando a contemporânea depressão diagnosticada por muitos médicos psiquiatras<sup>21</sup> naquele período. Remando na condição de escritor mulato e massacrado pelas desigualdades estabelecidas em território fluminense, Lima desabafa rotineiramente as suas péssimas lembranças.

Em outro relato um tanto alusivo ao mote aqui discutido, redigido ainda no dia 03 de janeiro de 1905, o romancista interroga de maneira filosófica as condições melancólicas que cercam suas possíveis quedas depressivas diante de tamanha perplexidade: “Aqui bem alto declaro que, se a morte me surpreender, não permitindo que as inutilize, peço a quem se servir delas que se sirva com o máximo cuidado e discrição, porque mesmo no túmulo eu poderia ter vergonha.” (BARRETO, 1956, p. 77). Falta de perspectiva para com a vida, falta de estrutura psicológica e social, falta de esperança e perspectiva para continuar lutando, a imagem do romancista carioca é nesse fragmento a realidade dura e crua, o oposto do ocorrido em sua conferência na cidade de Mirassol, no interior de São Paulo, quando expôs na frase que sintetiza o seu ofício literário o desejo de “queimar os seus navios”<sup>22</sup> pela literatura. Outrossim, o fragmento expõe claramente o desabafo intimista de Lima Barreto frente às dificuldades enfrentadas durante sua vida. Interligando os acontecimentos, notamos também que a sequência dessas sentenças perfazem o mesmo campo semântico nos seus respectivos períodos, ou seja, aquele da lacuna melancólica que age como fator determinante para sua revolta e quase marginalidade no fim da vida. Inevitável, dizer que o escritor Lima Barreto nesse depoimento sobre sua condição subalterna perfaz dois vocábulos “cuidado” e “discrição” em relação à chegada da própria morte, colocando o leitor diante de duas situações que necessitam ser discutidas. Metaforicamente ou não, Lima utiliza esses vocábulos para caracterizar o léxico condizente e a simplicidade de sua cruel rotina, abrindo significados que condizem com a temática de uma possível reviravolta.<sup>23</sup> Caso essa solução não fosse encontrada a tempo, Lima deveria tomar outras providências e insistir numa possível guinada intelectual, como sempre desejou alcançar. A maior problemática é que a irradiação desse estágio melancólico ao extremo poderia contagiar para outros aspectos da sua vida.

O crítico Phillippe Lejeune reflete filosoficamente sobre tal aspecto que Lima enverga de forma um tanto caótica nos seus escritos. “O *Diário* é virtualmente interminável desde o início, uma vez que sempre haverá um tempo vivido posterior à escrita e que, um dia, esse tempo posterior assumirá a forma da morte.” (LEJEUNE, 2008, p. 273, grifo nosso). A expressão “virtualmente interminável” evocada nessa citação de Lejeune combina perfeitamente com as variadas atitudes de Lima Barreto frente aos desafios enfrentados, dada sua atitude de escritor daquilo que testemunha. A subjetividade que cerca o ofício da escrita realizada por Lima Barreto ganha seu devido tônus à medida que clarifica sua real posição naquele meio. O escritor carioca, no fragmento do diário anterior, acredita que a morte, algo por si só enigmático, deveria funcionar ou ao menos ser aguardada por motivos naturais e óbvios. Isto é, como fator preponderante para a diminuição das ansiedades que cercam e cercavam todos os homens. Não obstante, isso acaba imprimindo determinada reflexão relativa ao contexto filosófico existencial da própria vida e a aspectos de nosso extremo receio e medo em relação à morte, como expressa Lejeune. Nesse sentido, o escritor carioca sabia que um dia seria lido por alguém, por isso, a verdadeira missão de testemunhar suas angústias e fazer delas objeto de análise do seu próprio sofrimento.

Em outro momento, relatado no ano de 1905, dia 12 de janeiro, iremos encontrar Lima um tanto decepcionado também com algumas questões de ordem profissional. Como já mencionamos, o escritor não se sentia satisfeito com o serviço burocrático do antigo Ministério da Guerra. Por isso, ao que tudo indica, expõe sua falta de perspectiva no desempenho de sua função. A falta de desafios, o trabalho manual rotineiro e a progressão profissional deixavam Lima cada vez mais irritado e pessimista com suas reais condições: “Ontem não fui à secretaria. Passo mal. Uma impressão de cansaço, uma vontade de nada fazer, tenho fadiga de corpo.” (BARRETO, 1956, p. 82). Esse excerto ilustra nitidamente a condição exaustiva de Lima frente às dificuldades enfrentadas pela falta de opção por uma vida condizente com aquilo que almejava: se tornar um grande romancista.

É sabido que a verdadeira vocação de Lima era ser um escritor consagrado, ele mesmo aproveitava o expediente inerte da seção para escrever suas ficções e, junto a isso, publicá-las o quanto antes. Não foi à toa, que Lima utilizou papéis timbrados da seção para escrever e subsidiar a matéria prima do seu extra ofício. Seguindo essas pistas e rastros do seu comportamento, podemos observar que o escritor carioca subjaz um olhar desprezioso e incrédulo às suas tristes circunstâncias. A fadiga atinge o seu bom humor, a incerteza do cotidiano incerto, a falta de vontade, toda essa conjuntura rema sem rumo para um horizonte ainda perdido em suas dimensões.

A conjuntura completa é direcionada para o outro fragmento que impõe um olhar ainda mais minucioso: “Perdi a esperança de curar meu pai! Coitado, não lhe afrouxa a mania que, cada vez mais, é uma só, não varia: vai ser preso; a polícia vai matá-lo; se ele sair à rua, trucidam-no. Coitado, o seu delírio cristalizou-se, tomou forma. Pobre do meu pai! Uma vida cheia de trabalhos, de afanosos trabalhos, acabar assim nesse misterioso sofrimento que me compunge!” (BARRETO, 1956, p. 85). Nesse excerto, o desespero é dissimulado por parte de Lima. O enunciador Lima não utiliza o vocábulo “esperança” à toa, pois sabe que pela atrocidade do episódio, não teria condições resolvê-lo ou ao menos de modificá-lo para melhor. Como podemos verificar a articulação textual estabelecida por Lima é matizada pela situação extremamente caótica e desesperadora, que conseqüentemente serve de contraponto ao seu total descrédito da vida familiar. O binômio “revolta” e “esperança” conjugam olhares extremos e sem nenhuma chance de agregá-los em uma situação melhor. Como já observamos em linhas anteriores, os períodos separados por trechos pontuados remetem a ideia de dissimulação e desespero por parte do próprio escritor. Uma atitude indignada, correspondente a um desabafo, toma conta da tristeza íntegra do autor. É inegável que o trauma da infâmia do pai comove o escritor para uma angústia cruel consigo mesmo. A escrita é desafiadora, mantém uma espécie de desabafo solidário sobre os fatos ocorridos, impõe coragem para deflagrar a horrível realidade que cerca seus olhos. Nessa manobra referencial, o sofrimento desdobra possíveis fraquezas do escritor e desperta a vontade de uma possível revolução gradativa. Ainda assim, resta aquilo que Lima estabeleceu para sua breve vida, o isolamento familiar, seguido pela sua morte no Hospício de Alienados, como já declaramos na epígrafe deste artigo.

O pesquisador Lejeune esquematiza uma profunda reflexão sobre tal aspecto: “Manter um diário significaria portanto enclausurar-se em si mesmo, seria um sinal de desinteresse pelo mundo e de esterilidade.” (LEJEUNE, 2008, p. 266). Nessa citação, verificamos a maestria e a elegância do crítico Phillipe Lejeune para representar o laço afetivo do escritor em relação à confecção do próprio diário.<sup>24</sup> Na frase bem generalista ao tom didático e operacional: “enclausurar-se em si mesmo”, é notório o forte apreço de Lejeune aos moldes do isolamento daquele escritor de diários da sociedade. Não obstante, Lejeune propõe uma justa análise sobre essa mútua dependência, que age num jogo saudável e estimulante, seja no ambiente literário, seja no microespaço solitário do indivíduo. Nesse sentido, o autor de *O pacto autobiográfico* ressalta aquilo que possivelmente Lima Barreto perfaz na escrita de seu *Diário Íntimo*, ou seja, uma aproximação da realidade vivenciada em localidades

visitadas no seu cotidiano. “O *Diário* não é o registro de presentes sucessivos, aberto para um futuro indeterminado e fatalmente limitado pela morte. Desde o começo, ele programa sua releitura. (LEJEUNE, 2008, p. 272, grifo nosso).

Resumindo e concluindo: na esteira dessas discussões teóricas sobre a questão do *diário* como gênero literário<sup>25</sup>, tentamos fazer uma breve reflexão da leitura desses autores sob a luz de suas próprias reflexões, não tendo a intenção de afastarmos os olhares estéticos da leitura da obra de Lima Barreto daqueles que, digamos, promoveram o embate de articulações tão próximas. Se em Maurice Blanchot temos o diário que conduz a uma leitura mais filosófica, partindo para um lado memorialístico; em Tânia Ramos temos reflexões de relatos biográficos de José Lins do Rego, Oswald de Andrade, Érico Veríssimo e Pedro Nava; em Phillipe Lejeune temos um aprofundamento crítico da escrita do diário como testemunho e, ao mesmo tempo, como condição para o isolamento da própria sociedade. Por último temos o escritor Lima Barreto que, por sua vez, permanece na condição de examinado pelos autores supracitados.

#### 1.4 ALGUMAS CONCLUSÕES

Passados mais de 90 anos da morte de Lima Barreto, seu *Diário Íntimo* pode ser lido como um grande testemunho do seu passado literário, propiciando ao leitor um profundo conhecimento da própria arqueologia dos textos ficcionais e não ficcionais do romancista carioca. As circunstâncias em que este diário foi escrito e o desenvolvimento do texto a partir daí despertam especial interesse por parte de muitos pesquisadores. Isto é, o interesse em destrinchar as entrelinhas contidas no *Diário* apenas fortalece a compreensão da arquitetura de outros textos que o autor escreveu. Assim, como vimos, fragmentos que representam a melancolia ajudam-nos a enxergar os altos e baixos da produção criativa de Lima. A título de exemplo, ao registrar fatos e acontecimentos, ou colher material para atribuição de referências sobre a escravidão no Brasil, Lima contribui para o entendimento do embrionário livro, que não chegou a terminar, sobre os reflexos da escravidão.<sup>26</sup> A republicação de *Diário Íntimo*, em agosto de 2010, pela Editora Cosac Naify, com prefácio do crítico Alfredo Bosi e notas dos professores Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura<sup>27</sup> rompe o silêncio da voz de Lima, instigando a curiosidade da crítica, além de fornecer releituras outras e possíveis desdobramentos para futuras investigações.

Em resumo, ao nosso ver, esta breve leitura de *Diário Íntimo* demonstra que as anotações registradas por Lima Barreto apresentam as seguintes marcas caracterizadoras que fornecem uma parte do título desse trabalho “representação da melancolia”:

1. Boa parte dos acontecimentos são regados pelo triste olhar do escritor carioca em relação ao cotidiano pacato e tristonho, sem muitos resultados ou contribuições para sua autoestima.
2. Postulamos que as categorias estabelecidas pelos teóricos mencionados (Phillipe Lejeune, Tânia Ramos, Maurice Blanchot, Beatriz Sarlo, Massaud Moisés, entre outros) no corpo desse artigo dialogam com os fragmentos selecionados;
3. Lima Barreto, ao escrever esse diário, consegue antecipar de maneira embrionária a dimensão do seu projeto político de escritor voltado a descrever as incongruências da nação brasileira da época;
4. A Utilização da voz narrativa em primeira pessoa com a finalidade de desabafar - nas palavras de Phillippe Lejeune “[...] descarregar o peso das emoções e dos pensamentos no papel.”<sup>28</sup> – consubstancia-se em chave importante para compreensão da estrutura narrativa e excelente apoio para uma investigação;
5. Ao escrever o *Diário Íntimo*, do período de 1900 a 1921, Lima Barreto mantém um jogo amplo de intertextualidades com o manancial referencial da época, utilizando personagens históricas, instituições do período, entre outros.

No presente artigo, tentamos chamar atenção para a discussão da representação enviesada da melancolia na obra *Diário Íntimo* e tecer breves considerações teóricas daqueles que conceituam a categoria ou gênero literário diário. Observamos que os registros capitaneados por Lima Barreto em *Diário Íntimo* reproduzem um verdadeiro painel dos principais acontecimentos que cercaram o estado melancólico-depressivo do autor, do qual buscamos extrair, de maneira alusiva, as principais representações literárias, seja nos aspectos relacionados à melancolia inclusa em sua vida familiar ou no seu aspecto extremamente boêmio; seja nas densas crises de depressão, de profundas depreciações e baixa autoestima, conforme observamos nos fragmentos selecionados, que se traduzem em uma gama de tessituras textuais que adquirem força através de uma leitura engajada por esse viés. Vimos também como se comporta o diálogo de alguns teóricos a respeito da representação do *Diário* e as formulações por estes defendidas, especificamente aquele voltado a compreender o período ainda obscuro da internação de Lima Barreto. Outrossim, vimos à dicotomia da



Literatura e do gênero diário explorado de forma reflexiva, buscando problematizar esse assunto ainda tão complexo e polêmico que, por excelência, ainda não se confirmou nas suas múltiplas teorias conceituais.

## NOTAS

- 1 A nosso ver, o vocábulo “imagens” fora escolhido para o tratamento que aqui desejamos tecer no subitem 1.3, quando teremos a oportunidade de verificarmos em grau mais profundo as possibilidades de analisarmos os fragmentos melancólicos de Lima Barreto no seu *Diário Íntimo*. Desejamos também sugerir algumas margens de especulações para outros pesquisadores no assunto. Salientamos que a escolha desse livro, especificamente, remete a uma preocupação em instigar novos desdobramentos para a crítica desse autor, que sob essa ótica, mantém pouco explorado.
- 2 O crítico Alfredo Bosi no seu ensaio “O cemitério dos vivos: testemunho e ficção” descreve com total argúcia os desdobramentos literários dessas áduas anotações. O título do seu ensaio soa transparente aquilo que Bosi deseja traçar: as fronteiras do testemunho e da imaginação literária. O crítico aprofunda algumas questões estéticas, inserindo notas de rodapé sobre as possíveis alusões estabelecidas em outros textos de Lima.
- 3 O próprio autor relata as dificuldades de encontrar um gênero correto para tal gênero, conforme suas palavras: “Difícil traçar o limite exato entre a autobiografia, as memórias, o diário íntimo e as confissões, visto conterem, cada qual a seu modo, o mesmo extravasamento do ‘eu’. Enquanto a autobiografia permite supor o relato objetivo e completo de uma existência, tendo ela própria como centro, as memórias implicam um à-vontade na reestruturação dos acontecimentos e a inclusão de pessoas com as quais o biógrafo teria entrado em contacto. Por outro lado, ao passo que o diário constitui o registro dia-a-dia de uma vida, quer dos eventos, quer das suas marcas na sensibilidade, as confissões decorrem do esforço de sublimar, pela autorretratação, as vivências dignas de transmitir ao leitor. (MOISÉS, 1999, p. 50).
- 4 Não seria descabido pensarmos que na história da produção de diários um rol de escritores confeccionaram um grande leque de registros confessionais – desde a época de Rousseau até a nossa contemporaneidade – representando aspectos da realidade em que viveram suas vidas. - exemplifico algumas aqui: *Diário de Anne Frank* (2005), de *A resistência* (2008), de Ernesto Sábato reforça a tese melancólica. A última obra em questão merece uma maior atenção e correlação ao aspecto melancólico. Ernesto Sábato reconstrói toda uma conjuntura ao extremo paradoxo moderno e apocalíptico. Nas palavras do autor, o fragmento adiante soa bastante sintomático. “O problema mais grave, porém, é que nesta civilização doente não há apenas exploração e miséria, mas também uma correlativa miséria espiritual. A grande maioria não quer a liberdade, tem medo dela. O medo é um sintoma do nosso tempo.” (SABATO, 2008, p. 86).
- 5 O próprio Phillipe Lejeune estabelece e esmiúça a palavra diário no seu clássico estudo *O pacto autobiográfico*. De Rousseau à internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008. Maiores detalhes ver página 259.
- 6 Não foi à toa que na crônica “Maio”, o escritor discorre em tom bem realístico um dos maiores impasses da História Brasileira, descrevendo os liames e os detalhes daquele episódio que assistiu com o seu grandioso pai. Lima escreveu uma série de crônicas que relatam e manuseiam muito bem os fatos históricos em torno das temáticas da abolição da escravatura. Apenas focando o nosso olhar para a chave de leitura “13 de maio” iremos encontrar um conjunto de comentários alusivos ao contexto histórico da própria época que Lima Barreto soube como nenhum escritor articular e manusear.

- 7 O trecho escrito por Lima demonstra nítida afinidade com as ideias do escritor russo. Como demonstra suas palavras na obra *Cemitério dos Vivos*: “Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoievski, na Casa dos Mortos. Quando baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoievski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria.” (BARRETO, 2010, p. 20).
- 8 Podemos relatar que diversos acontecimentos fizeram o cenário de fundo de vários enredos: *Clara dos Anjos*, teremos a transformação dos subúrbios; *Memórias do Escrivão Isaias Caminha*, teremos o cenário dos expedientes jornalísticos; *Numa e Ninfa*, teremos o palco especulativo e acirrado da política de época; *Vida e obra de M. J. Gonzaga de Sá* teremos o cenário das antigas repartições públicas, enfim essa tapeçaria romanesca acaba condicionando um olhar mais interrogativo e problemático que visa sondar os possíveis liames históricos que Lima tanto abarcou durante sua carreira literária. Lima conseguiu concatenar toda essa conjuntura buscando ousar ao máximo das vertentes referenciais de fim dos oitocentos e início dos novecentos. Portanto, é possível compreender que o escritor Lima Barreto, colecionou por longa data, variado jornais e documentos de época com a finalidade de reproduzir e arquivar para postiori algo que pudesse reaproveitar em seus escritos.
- 9 Sobre essa questão de ordem estrutural pouco definida por Lima Barreto no seu *Diário Íntimo*, o crítico Phillipe Lejeune nos alerta de maneira sintomática que: “O diário é, muitas vezes, uma atividade de crise: a descontinuidade lhe é habitual e se inscreve, aliás, no âmago de seu ritmo.” (LEJEUNE, 2004, p. 275)
- 10 Em diversas etapas, Lima Barreto faz questão de registrar os acontecimentos que aqui mencionamos sumariamente. O escritor demonstra sua preocupação em tangenciar esses fatos, extremamente relevantes para compreensão de suas circunstâncias históricas. Para fins de exemplificação tomamos um fragmento bem alusivo. Nas palavras do autor: “O que me leva a escrever estas notas é o fato de o Brasil ter quebrado a sua neutralidade na guerra entre a Alemanha e os Estados Unidos, dando azo a que este mandasse uma esquadra poderosa estacionar em nossas águas” (BARRETO, 1969, p. 95)
- 11 Sobre esses dois primeiros aspectos históricos cabe aqui relatarmos algumas conclusões de Francisco de Assis Barbosa. Nas suas palavras: “O Rio de Janeiro vivia a grande hora da sua remodelação. Oswaldo Cruz, um jovem médico desconhecido, com menos de 30 anos, enfrentava o problema da febre amarela e saneava a cidade. Ao mesmo tempo, sobre os escombros dos velhos sobradões coloniais, demolidos pela Prefeitura, Pereira Passos construía uma nova metrópole, sem sacrificar a beleza da paisagem, tão gabada por nós, há quatros séculos celebrada por quanto viajante estrangeiro aportasse à Guanabara.” (BARBOSA, 2002, p. 143)
- 12 Nos meios acadêmicos, há quem diga, que a ficção de Lima Barreto possui muitos aspectos de sua vida pessoal ou de sua intimidade. Partindo desse pressuposto é que podemos inquirir que seus romances insistiram na temática da melancolia, especificamente na ilustração do aspecto psicológico de suas personagens. Ou seja, existe um farto banquete a ser investigado partindo dessa perspectiva. A saber, no romance *Clara dos Anjos*, teremos a protagonista Clara vivenciando um estado opressor e conseqüentemente melancólico por parte de sua família e do galanteador Cassi Jones. Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, teremos a figura do próprio Major Quaresma de enxergar os seus projetos nacionalistas malogrados na prática. Em *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, teremos a frustração de um jovem rapaz provinciano, por promessa de emprego por parte de um político, chegado na cidade do Rio de Janeiro em busca de oportunidades e acabar no abandono. Portanto, o aspecto melancólico, como vimos, é fortemente desdobrado nos seus trabalhos ficcionais.
- 13 Parece soar estranha tal questão da vontade de suicídio por parte de Lima Barreto. O problema que tal questão aparece em um dos seus registros. Suas reflexões sobre o suicídio acabam se tornando emblemáticas e merece uma atenção mais aprofundada para futuros pesquisadores. “Desde menino, eu tenho a mania do suicídio. Aos sete anos, logo depois da morte de minha mãe,

- quando eu fui acusado injustamente de furto, tive vontade de me matar.” (BARRETO, 1969, p. 135)
- 14 Problemática já apontada por uma investigação mais filosófica e minuciosa por parte do crítico francês Maurice Blanchot quando tenta listar alguns desses contrapontos filosóficos. O autor escreve: “À primeira vista, a preocupação do escritor que escreve para poder morrer é uma contradição, no sentido comum da palavra. Parece que, pelo menos, um evento nos é assegurado: ele chegará sem abordagem de nossa parte, sem trabalho e sem preocupação; sim, ele chegará. Isso é verdade mas, ao mesmo tempo, não é verdadeiro, e justamente pode ocorrer que a verdade lhe falte, o escritor não possui, pelo menos, essa verdade que vivenciamos no mundo, que é a medida da nossa ação e da nossa presença no mundo.” (BLANCHOT, 2010, p. 99).
  - 15 Ver a obra: SCHWARZ, Roberto. Um mestre na periferia do capitalismo. Rio de Janeiro: Editora 34, 2007.
  - 16 FREYRE, Gilberto. O Diário Íntimo de Lima Barreto. In: BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 15.
  - 17 O aspecto mais relevante aqui seria o diário enquanto desabafo. Sobre tal aspecto acreditamos que seja relevante citar a explanação de Phillipe Lejeune, quando diz: “O papel é um amigo. Tomando-o como confidente, livramo-nos de emoções sem constranger os outros. Decepções, raiva, melancolia, dúvidas, mas também esperanças e alegrias: o papel permite expressá-las pela primeira vez, com toda a liberdade. O diário é um espaço onde o eu escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem risco, antes de voltar, mais leve, ao mundo real”. (LEJEUNE, 2008, p. 262)
  - 18 RAMOS, Tânia Regina. Memórias uma oportunidade poética. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1990. (Tese de Doutorado).
  - 19 RAMOS, Tânia Regina. Memórias uma oportunidade poética. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1990. (Tese de Doutorado).
  - 20 Lembrando que tal advertência fugiria da pretensão que esse artigo almeja empreender, mesmo assim, fica a sugestão para aquele pesquisador que deseja realizar um estudo arqueológico e aprofundado das circunstâncias textuais que marcaram a vida de Lima Barreto. Possivelmente, a leitura de suas cartas, incluindo suas anotações esparsas em tiras soltas, cadernos, etc.
  - 21 Sobre essa questão é importante relatarmos que o crítico Alfredo Bosi no seu ensaio “O cemitério dos vivos: testemunho e ficção” assinala uma possível articulação entre um suposto diálogo de Lima Barreto com Juliano Moreira. Bosi sustenta sua hipótese, já confirmada, pela autora Vera Portocarrero no seu ensaio: “Arquivos da loucura. Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria.” Segundo Bosi: “Os estudos sobre a psiquiatria brasileira e as instituições manicomial do começo do século XX confirmam a impressão favorável que Juliano Moreira despertou em Lima Barreto.” (BOSI, 2007, p. 13) Ou seja, o crítico estabelece o fértil diálogo entre o romancista carioca e seus primeiros interesses pela psicanálise. Outrossim, Bosi evoca uma série de correlações literárias que teriam movimentado a imaginação de Lima Barreto durante a confecção dos seus escritos. Enfim, especulações investigativas que deixam o pesquisador mais interessado no assunto e possivelmente alavancam novos desdobramentos para futuros trabalhos.
  - 22 Expressão contida na palestra “O destino da Literatura” ofertada na cidade de Mirassol, interior de São Paulo.
  - 23 Sobre essa questão da reviravolta ou mesmo uma mudança radical, o crítico Phillipe Lejeune esclarece de forma filosófica: “O diário também permite acompanhar de perto uma tomada de decisão. Esse controle do comportamento foi um dos maiores argumentos dos primeiros cristãos a

favor do exame de consciência escrito, e os diários de retiro terminam sempre com ‘resoluções’.” (LEJEUNE, 2008, p. 263).

- 24 Mantém-se enfim um diário porque se gosta de escrever. É fascinante transformar-se em palavras e frases e inverter a relação que se tem com a vida ao se auto-engendrar. Um caderno no qual nos contamos – ou folhas que mandamos encadernar – é uma espécie de corpo simbólico que, ao contrário do corpo real, sobreviverá. (LEJEUNE, 2008, p. 264).
- 25 Sobre essa questão do gênero ou não, enquanto artefato literário, o estudioso Antoine Compagnon no seu livro *O Demônio da Teoria – Literatura e senso comum*, fortalece o nosso olhar. Para o autor “[...] literatura é tudo o que é impresso (ou menos manuscrito), são todos os livros que a biblioteca contém (incluindo-se o que se chama literatura oral, doravante consignada). Essa acepção corresponde à noção clássica de ‘belas-letas’ as quais compreendiam tudo o que a retórica e a poética podiam produzir, não somente a ficção, mas também a história, a filosofia, e a ciência, e, ainda, toda a eloquência.” (COMPAGNON, 2006, p. 31)
- 26 Tive a oportunidade de explorar isso no artigo que se encontra no prelo: OLIVEIRA, Cristiano Mello. O arquivo do escritor Lima Barreto na Biblioteca Nacional – A revelação dos inéditos sobre a escravidão no Brasil. *Revista de Arquivologia*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.
- 27 Ambos assumiram durante o lançamento do livro em entrevista a Livraria da Travessa na cidade do Rio de Janeiro, a meticulosidade nas notas e no estabelecimento do texto. Informação contida no site da própria editora. Gravado em formato AVI.
- 28 LEJEUNE, Phillipe. *O pacto autobiográfico*. De Rosseau à internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p.

## REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: Dilemas da Subjetividade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.
- BARRETO, Lima. *Diário íntimo*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1969.
- BARRETO, Lima. *Diário no hospício e o cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosacnaify, 2010.
- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1969.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
- BOSI, Alfredo. O cemitério dos vivos: testemunho e ficção. In: *Revista Literatura e Sociedade*. Dossiê Literatura e psicanálise. Número 10, Universidade de São Paulo, 2007.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Literatura e senso comum. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- FRANK, Anne. *Diário de Anne Frank*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FREYRE, Gilberto. O diário íntimo de Lima Barreto. In: BARRETO, Lima. *Diário Íntimo*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

LEJEULE, Phillippe. *O pacto autobiográfico*. De Rosseau à internet. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1999.

OLIVEIRA, Cristiano Mello. O arquivo do escritor Lima Barreto na Biblioteca Nacional: a revelação dos inéditos sobre a escravidão no Brasil. *Revista de Arquivologia*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira. *Memórias uma oportunidade poética*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1990. (Tese de Doutorado)

ROUSSEAU, Jean Jaques. *Confissões*. São Paulo: Edipro, 2008.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

SABATO, Ernesto. *A resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHEFFEL, Marcos Vinicius. *Do registro diário à criação em Lima Barreto: o processo ficcional em Recordações do Escrivão Isaias Caminha e Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sa*. Joinville: Editora Letradagua, 2007.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2007.